

GESTÃO

BICENTENÁRIO AJUDA A REFLETIR SOBRE DESIGUALDADES EDUCACIONAIS

1

»» Ensino Médio é a etapa em que desigualdades sempre foram mais visíveis

2

»» Ampliação do acesso nos últimos anos trouxe novos desafios aos gestores escolares

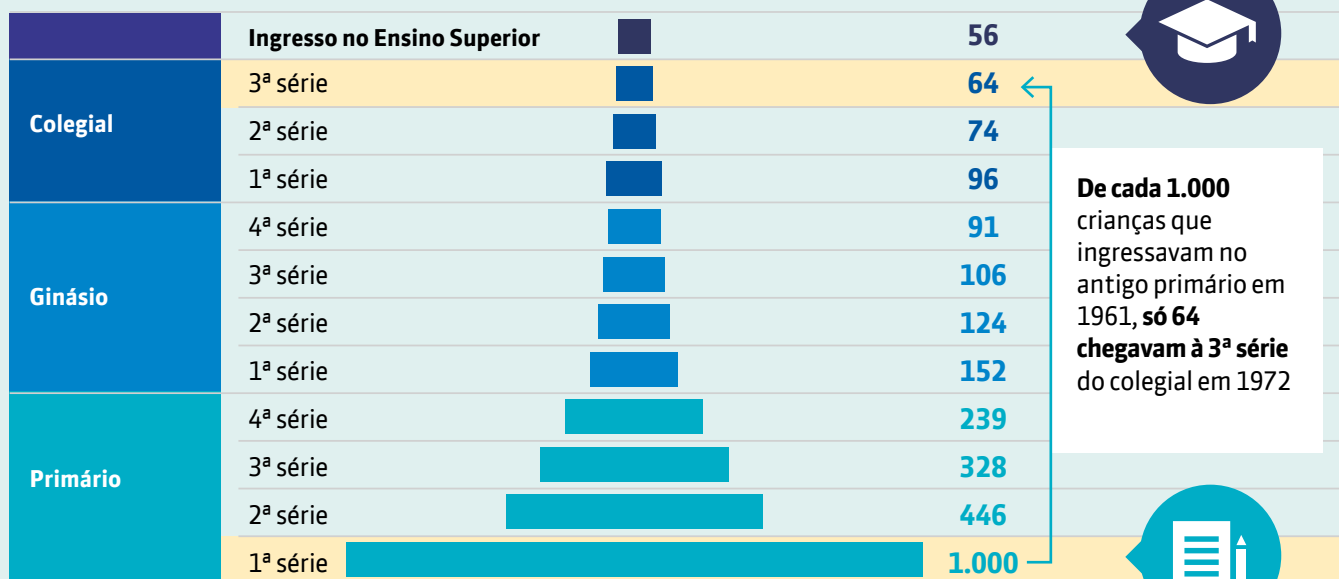
3

»» Entender nosso passado na educação é ponto de partida importante para transformações

O bicentenário da Independência é um marco importante não apenas para as aulas de História. É, também, uma oportunidade para refletirmos sobre as raízes de nosso atraso na educação, reconhecendo antigos problemas, identificando novos desafios, mas também celebrando avanços, ainda que insuficientes.

Dos antigos problemas ainda persistentes, talvez o mais relevante seja a extrema desigualdade que marca nossa sociedade. Isso teve – e ainda tem – reflexos no sistema educacional. Durante o período imperial, a chaga mais visível desse sistema foi a negação de direitos de acesso à escola às populações escravizadas. No entanto, mesmo com o fim da escravidão e com o início da República, o Brasil continuou insistindo em políticas que reforçavam a desigualdade.

EVOLUÇÃO DAS MATRÍCULAS NO SISTEMA ESCOLAR ENTRE 1961 E 1972



De cada 1.000 crianças que ingressavam no antigo primário em 1961, só 64 chegavam à 3ª série do colegial em 1972



Fonte: Estatísticas da Educação Nacional/MEC, em História da Educação no Brasil (Otaíza de Oliveira Romanelli)

No Ensino Médio, isso pôde ser percebido pela criação de um sistema dualista, em que para uma pequena elite era reservada a possibilidade de acesso ao Ensino Superior em qualquer área do conhecimento, enquanto para “classes desfavorecidas” (para usar um termo da Constituição do Estado Novo, de 1937) a opção eram os cursos de formação profissional.

Um dado que comprova os efeitos daquele sistema profundamente desigual é a constatação de que, na década de 60, apenas 64 de cada 1.000 crianças que ingressavam no antigo primário (hoje Ensino Fundamental) chegavam ao fim do Ensino Médio.

Esse dualismo persistiu por muito tempo em nosso sistema, com consequências que perduram até hoje. Por outro lado, é preciso também reconhecer avanços recentes, e um deles têm impacto direto na gestão escolar no Ensino Médio. Em 1985, continuavam sendo poucos os que chegavam a esta etapa pois somente 14% dos jovens de 15 a 17 anos estavam matriculados no Ensino Médio. Em 2020, esta proporção aumentou para 75%. Ela segue sendo insuficiente, mas o fato é que a democratização do acesso à escola fez chegar ao Ensino Médio alunos com perfis muito mais diversificados do que o público desta etapa num passado não muito distante.

Para os gestores escolares, um dos maiores desafios do presente é lidar com esse público mais diverso do Ensino Médio, com foco na equidade, reconhecendo as diferentes necessidades dos alunos que mais precisam.

CAMINHO DA INCLUSÃO

Para o diretor Paulo Afonso Vieira, 55, a desigualdade é, sem dúvida, uma das principais questões com as quais a gestão precisa lidar no cotidiano escolar. Há mais de duas décadas à frente da Escola Estadual Adalgisa de Paula Duque, situada no município de Lima Duarte (MG), ele destaca que essa dificuldade só existe em consequência da efetivação da garantia do direito à educação pública. “Hoje a escola pública é inclusiva; ela tem que ser e o ca-

minho é esse”, salienta. “A gente tem que trabalhar formas de atender a esses alunos dentro das necessidades e das possibilidades deles”, pensa.

A história da escola que dirige, de certa forma, reflete esse processo de expansão do acesso à educação. Quando foi fundada, em 1950, a instituição, que ofertava apenas o ginásio (hoje correspondente aos anos finais do Ensino Fundamental), era privada, e os proprietários eram fazendeiros locais. Em meados da década seguinte, foi doada ao estado e passou a atender a toda a comunidade e a ofertar o Ensino Médio também. O próprio diretor foi estudante lá durante sete anos na década de 1980, onde cursou o magistério (única opção existente à época na instituição), e de onde saiu para fazer a licenciatura.

Hoje a unidade atende a cerca de 700 alunos e oferece o Ensino Médio profissionalizante em período integral, na sede; o Ensino Médio no período da tarde no distrito de São Domingos e o Ensino Médio noturno no distrito de Conceição de Ibitipoca.

Vieira destaca a diversidade do público atendido, contemplando estudantes com deficiências, de áreas rurais e de diferentes níveis socioeconômicos, pois o município conta com apenas duas escolas privadas. “Trabalhar essa desigualdade destacando que podemos ser diferentes sem ser desiguais é fundamental”, enfatiza. “E esse contato com a diversidade é importante porque forma cidadãos mais preocupados, sensíveis com essa questão das desigualdades”, acredita.

O diretor observa ainda que o enfrentamento das desigualdades de aprendizagem é uma preocupação da Secretaria de Educação, que oferece uma série de políticas com esse foco, como o programa de reforço escolar. A escola conta ainda com um projeto de iniciação científica, também financiado pela Secretaria, e cuja proposta é discutir a questão da negritude.

A formação continuada é outro grande desafio na visão de Vieira. “A sociedade evolui muito rápido, acompanhar isso é uma loucura. Quando eu comecei as coisas aconteciam mais devagar (risos)”, lembra. Ele chama a atenção para a desigualdade existente também dentro do corpo docente e pelos diferentes graus de abertura dos professores à inovação, ao uso das TICs e à adoção de novas práticas em sala de aula como estratégias para fortalecer a aprendizagem e lidar com os diferentes níveis de proficiência existentes em uma mesma turma. E relata que recentemente a equipe passou por uma formação para utilização de metodologias ativas. “Podem ser ferramentas importantes no sentido de colaborar nesse nivelamento, na diminuição das desigualdades em sala de aula”.

FOCO NA APRENDIZAGEM

Além da transformação no perfil dos estudantes, outra mudança – positiva – na escola pública foi a melhoria na infraestrutura das unidades, ainda que persistam muitas deficiências nesse sentido. Marlene Lima da Silva, atual responsável pela 19ª Gerência Regional de Ensino da Secretaria Estadual de Educação do Piauí, relata que cursou os primeiros anos da educação básica em uma escola rural de Água Branca, município localizado a 90 km de Teresina. Ela conta que tábuas improvisadas sobre pedras faziam as vezes de carteira. A escola, fundada pelo seu avô, existe até hoje, foi totalmente reformada e é climatizada.



“Trabalhar essa desigualdade destacando que podemos ser diferentes sem ser desiguais é fundamental”

Paulo Afonso Vieira, 55, diretor da Escola Estadual Adalgisa de Paula Duque, situada no município de Lima Duarte (MG)



“A questão das desigualdades é a que mais me preocupa”

Marlene Lima da Silva, gerente da 19ª Gerência Regional de Ensino da Secretaria Estadual de Educação do PI

Ao longo de sua trajetória de 42 anos na educação pública do Piauí, Marlene pôde acompanhar de perto as transformações, superações e dificuldades pela qual a rede passou ao longo do período. Ela destaca a continuidade das políticas educacionais nas últimas duas décadas como um aspecto central para paulatina melhoria dos índices do estado. “De 2003 para cá o estado vem mantendo uma política de rede. A gente saiu de um patamar de ficar discutindo só infraestrutura para um enfoque pedagógico, do ensino-aprendizagem”, observa.

Licenciada em Letras, Marlene tem experiência na gestão desde os anos 90, quando assumiu a direção da Escola Hugo Napoleão, onde permaneceu por 13 anos e cujo trabalho foi reconhecido interna e externamente por meio de premiações como a de Referência em Gestão Escolar em 2001. “Educação é foco, é ação, é planejamento, é avaliação”, lista.

Da escola saiu direto para a equipe de gestão da Secretaria de Educação, em 2003, onde participou das ações de planejamento voltadas à universalização do acesso ao Ensino Médio no estado: estudos de demanda, mapeamento das escolas, organização do transporte dos estudantes, realização de concurso para contratação de professores, formação de gestores e coordenadores pedagógicos.

Sobre os desafios atuais, assim como o gestor mineiro, ela destaca que “a questão das desigualdades é a que mais me preocupa”. Ela explica que a 19ª GRE abarca 43 escolas, situadas em localidades de difícil acesso na zona sul de Teresina e marcadas pela desigualdade social. A gestora destaca o esforço de busca ativa que a Secretaria vem empreendendo para conter a evasão nesse período pós-pandemia, bem como o acolhimento dos estudantes e profissionais nas escolas.

Para Marlene, a presença de equipes multissetoriais nas regionais, compostas por psicólogos e assistentes sociais, é outro avanço importante na política educacional do estado – um reconhecimento da necessidade de a escola ter um olhar integral sobre as necessidades e o bem-estar dos estudantes.

Avanços recentes não significam que a educação pública brasileira chegou próxima ao patamar que se espera. Porém, refletir a respeito do que fomos até recentemente, sobre a situação em que estamos agora e, principalmente, sobre o país que queremos ser nos próximos anos é uma tarefa de toda a sociedade. E essas reflexões podem e devem ocorrer também no âmbito da escola, para que toda a equipe esteja mais consciente e preparada para lidar com um perfil mais diversificado de alunos que a cada ano chega aos anos finais da educação básica.



PARA SABER MAIS

- **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro.** São Paulo: Cortez, 2008. José Gonçalves Gondra e Alessandra Schueler.
- **História da educação no Brasil.** Rio de Janeiro: Vozes, 1978. Otaíza de Oliveira Romanelli.
- **Fim de uma era ou e agora, Maria?** Desafios para a atuação federal na educação básica. Texto para Discussão, 2021, IPEA. Sergei Soares e outros autores.

Aprendizagem em Foco é uma publicação quinzenal produzida pelo Instituto Unibanco. Tem como objetivo adensar as discussões sobre o contexto educacional brasileiro, a partir de pesquisas, estudos e experiências nacionais e internacionais.

Para fazer algum comentário, envie um e-mail para: instituto.unibanco@institutounibanco.org.br

Para ler as edições anteriores, acesse: bit.ly/aprendizagem-foco

Produção editorial: Redação e edição Antônio Gois e Fabiana Hiromi;

Projeto gráfico e diagramação Estúdio Kanno; Edição de arte Fernanda Aoki

